Vou lhes contar a vida de um burguês

que contavam vantagem do modo mais louco:

dizia que mulher nenhuma saberia enganá-lo.

Sua mulher ouviu falar a respeito.

Ela deliberou com seus botões

e fez um juramento:

faria dele um mentiroso,

por mais precauções que ele tomasse!

Um dia,

a nobre senhora e o bom senhor estavam em casa.

Estavam sentados em um banco, um ao lado do outro.

Não estavam ali fazia muito tempo,

quando surge um malandro à porta.

Era elegante e cortês, e se parecia

bem mais a uma mulher que a um homem:

vestia camisa fina,

capuz cor de açafrão,

chegou fazendo grande tumulto:

tinha ventosas para tirar sangue!

Cumprimenta os burgueses

Sentados no meio de seu salão:

“Deus esteja com o senhor,

com o senhor e seu séquito!”.

“Que Deus a proteja, bela senhora”, disse o senhor,

“venha sentar-se aqui a meu lado!”

“Senhor, muito obrigada,

mas não estou tão cansada.

Senhora, mandou me chamar

e me fez vir até aqui:

diga agora o que deseja!”

A senhora não se deu por achada:

“Você diz a verdade, minha boa amiga,

suba ao andar de cima do celeiro:

preciso dos conhecimentos de seu ofício.

E não se agaste”, disse ela ao marido,

“pois voltamos daqui a pouco.

Tenho uma dor terrível no ventre.

Estou tão doente

Que preciso que me façam uma sangria.”

Então vai subindo atrás do malandro.

Logo fecharam as portas.

O malandro avança sobre ela:

ele a deita na cama

e a possui três vezes.

Depois de brincar à beça,

Depois de foder, beijar e abraçar,

os dois desceram a escada

até ao pé dos degraus e por fim

entraram de volta na casa.

O sujeito não era nem louco nem tolo,

e por isso saudou imediatamente o burguês:

“Meu senhor, adeus”, disse-lhe ele.

“Por Deus, minha senhora”, disse o outro,

“pague bem a esta mulher,

não lhe tire nada do que lhe é devido,

pois ela lhe foi de boa serventia.

“Meu senhor, por que se preocupa com a minha dívida?”,

disse a burguesa ao marido.

“Que desatino é esse,

quando eu bem sei o bem que isso nos fez!”

O malandro vai-se embora sem mais tardar,

levando consigo o saco com as ventosas.

A burguesa fica sentada,

ao lado do marido, sem fôlego.

“Senhora, por que vai tão acalorada,

por que demorou tanto?”

“Meu senhor, pela graça de Deus,

não havia meio de fazer a sangria.

Foram mais de cem tentativas –

estou moída!

Tentavam daqui, tentavam dali,

e nada do sangue sair!

Por três vezes tentaram,

e a cada vez punham

duas daquelas lancetas sobre meu ventre,

e faziam tanta força

que estou cheia de chagas,

e mesmo assim não havia meio de fazer a sangria!

Tentaram tantas vezes, tão repetidamente,

que eu acho que estaria morta por agora,

não fosse uma excelente pomada:

quem tiver uma pumada assim em mãos

não há de sofrer de nenhuma moléstia.

E depois de me martelarem como contei,

passaram a tal pomada nas minhas chagas,

que eram grandes e feias,

até que eu sarasse.

Não há como detestar pomada assim,

Não há nada de detestável nela!

Não estou mentindo:

a pomada saía por um tubo

e provinha de um odre

feito de couro escuro e feio,

mas que tinha bom sabor.”

“Minha bela amiga”, disse o burguês,

“por pouco você não ficou de dar dó,

ainda bem que havia tão boa pomada!”

Ele não se deu conta

da enormidade que ela contava;

e ela não teve o menor pejo

de glorificar assim seu feito,

pois queria desfrutá-lo até o talo:

não teria valido a pena gastar tanto dinheiro

se não pudesse contar tudo logo depois...

É por isso que julgo louco

aquele que arrisca a cabeça e o pescoço

ao jurar que não há mulher que o traia

e que não há quem o engane.

Mas neste país não há

homem inteligente à vista,

capaz de impedir

uma mulher de o enganar –

como essa que tinha dores no ventre

e enganou o marido em primeiro lugar!